

VILA BELA ARQUITETURA, CULTURA E TRADIÇÃO NEGRA CULTIVADAS HÁ 252 ANOS

JANAÍNA FACCHINETTO

HISTÓRICO

A confluência do rio Jauru com o Paraguai desenhava-se como um ponto de excepcional importância para os Portugueses: uma grande quantidade de jazidas auríferas e essencial área de domínio para a Bacia Amazônica. Porém, eram os espanhóis que ocupavam grande parte das margens do rio Guaporé. Afim de manter seus territórios – ampliados pelo Tratado de Madri (1750) - Portugal resolveu fundar ali uma nova capitania. Assim surgiu Villa Bella da Santíssima Trindade, estabelecida como a primeira capital do estado de Mato Grosso, em 19 de Março de 1752.

Para incentivar sua ocupação, Dom Rolim de Moura, então governador ofereceu terras e títulos à aqueles que ali fixassem residência. Também era perdoado todo tipo de crime, a coleta do Quinto - a quinta parte do ouro garimpado que era pago como forma de imposto à Coroa Portuguesa - , pagamento de dizimo, entre outros. Criminosos, assassinos, ladrões de todos os lados, ao chegarem na Villa eram vistos como cidadãos do bem, em troca de nela permanecerem por no mínimo 3 anos para serem perdoadas suas penas judiciais. Enfim, funcionava um estado de violação consentida às leis implantadas na Colônia em troca do povoamento da região.

Pouco tempo após sua construção, porém, o local escolhido por Dom Rolim demonstrou não ser o mais apropriado: a insalubridade da região causava doenças nos moradores, e o trabalho escravo era muito intenso, enquanto esses, eram muito mal cuidados. Logo, sua expectativa de vida girava em torno de 35 anos de idade. Não demorou para Villa Bella ser considerada como “terra doentia”.

A base da economia vilabelense era o garimpo. O ouro “catado” era o superficial, até onde a vista alcançava, devido à falta de instrumentos adequados para o garimpo. Tão instável quanto a produção do ouro estava o comércio, dependente de produtos vindos de capitâneas distantes barrando ainda na dificuldade de acesso à vila. A produção agrária era precária: as constantes cheias do rio arrasavam as plantações, enquanto, por sua vez, os períodos de seca prolongada impediam as boas colheitas.

Ainda contavam com a resistência dos povos indígenas locais, que resistiam à invasão, e aos conflitos por estar numa área de divisa, entre terras de Portugal e Espanha, deixando a cidade num clima de constante tensão.

A ignorância do preconceito da época levava os brancos a crerem que eram uma raça superior, frágil, e os negros, raça inferior, por serem mais fortes e resistentes à doenças e insalubridade, deveriam os negros permanecer no local, pois apenas eles conseguiriam sobreviver, isolando completamente o fato de que os negros e índios sobreviviam por ter conhecimento da flora medicinal e manipulação no tratamento das doenças.

Em 1835, Cuiabá é oficialmente designada capital mato-grossense. Os brancos deixaram Villa Bela para assumir seus cargos na nova capital, abandonando os escravos em Villa Bela. A partir desse momento que os negros constroem a cidade. A terra que, até então, servia de exploração do trabalho escravo pela coroa Portuguesa, passa a ser território de liberdade e posse conjunta.

Os “negros abandonados” passam a revelar a própria cultura e construir a cidade de acordo com seus sonhos e ideais. Cresce, assim, uma nova vida às margens do Guaporé.

RUÍNAS

O plano urbanístico da vila foi elaborado em Portugal (fig. 01), e os projetos das residências (fig. 02), no Rio de Janeiro, porém, ambos tiveram que ser adaptados a realidade local, tais

como as elevadas temperaturas, distancia e dificuldade de acesso. Os projetos das casas tiveram de ser simplificados: os sobrados se tornaram casas térreas e foram alargadas, as estruturas tiveram de ser reforçadas por causa do solo e a dificuldade da chegada de materiais nobres fez com que os construtores optassem por usar materiais oriundos da região, como pedras, pau a pique e cobertura de capim. Apenas duas regras eram exigidas: que o traçado retilíneo das ruas fossem mantidos, essas com 70 palmos de largura, e que as casas fossem construídas no alinhamento frontal dos terrenos, as construções seguiam o padrão das casas coloniais do século XVIII, retilíneas, com grandes portas e janelas, paredes grossas e telhado com queda de quatro águas.

O plano previa ainda a construção de dois grandes prédios: a Igreja Matriz e a Residência dos Governadores, construídos a duras penas pêlos escravos. As construções eram de pedra Canga, adquiridas na região. Tão amplas as proporções dos prédios que as construções foram interrompidas várias vezes, por escassez de material ou falta de recurso. Apesar das dificuldades, no final de 1952, mesmo ano do início das construções, a vila já contava com 16 casas erguidas e em fase de acabamento.

Com o abandono de Villa Bela pêlos brancos, os negros construíram inúmeros quilombos nas imediações, com medo de ocupar a cidade e serem pegos desprevenidos numa volta repentina dos brancos.

Nesses quilombos, faziam plantação de subsistência e praticavam a cultura e religião de acordo com suas crenças.

Villa Bela foi completamente abandonada à própria sorte, passando as ruínas.

Apenas 70 anos após a partida dos brancos os negros ocuparam a cidade, dividindo entre si as antigas casas da elite portuguesa.

CIDADE ATUAL

De acordo com o censo do IBGE de 2000, Vila Bela da Santíssima Trindade possui uma população de 12.880 habitantes.

O cotidiano da cidade é pacato. Pessoas caminham tranqüilamente pela rua, se instalam na praça em rodinhas de conversa, quase indiferentes à beleza das ruína que toma todo o centro da praça.

O traçado urbano é regular, com quadras retangulares e, como a maioria das cidades interioranas, seu movimento gira em torno de uma praça central, onde está instalado o comércio local, composto por pequenas lojas de variedades (roupas, objetos para casa), armazéns e farmácia (Fig. 03).

Sem uma estrutura turística apropriada, a economia de Vila Bela é estagnada. Quando terminam os estudos, os jovens saem da cidade em busca de emprego, ou ficam e “se viram” como podem. Apesar da pobreza e falta de perspectiva futura, o índice de roubo na cidade é quase zero. O que mais se ressalta é a alegria, a amizade e o compartilhar. A solidariedade é marca mais forte desse povo.

CONSTRUÇÕES ATUAIS

Atualmente, a maioria das casas construídas são de tijolos nus, com esquadrias simples de madeira, telha de barro, beirais estreitos (fig. 04).

Fora as ruas que ladeiam a praça, revestidas por paralelepípedo, as demais são de terra batida cujo pó colore as residências e calçadas.

Imponente no centro da praça, as enormes ruínas da antiga igreja serve de fundo para a cidade. Sob ela, a vida corre mansa. E sobre ela, em 02 de maio de 2006, foi inaugurada uma cobertura de estrutura metálica e proteção em policarbonato, afim de protege-las da ação do tempo e dos vândalos (Fig. 05). É uma medida emergencial tomada pelos governantes para conter o deterioramento das ruínas que, segundo estudos, não resistiria por mais dez anos. No mesmo dia, foi inaugurado o Museu Aberto, que nada mais é do que a transformação da igreja num espaço de exposição aberto, provocando um intercâmbio de conhecimento entre as ruínas e a cidade.

É o início da restauração de Vila Bela da Santíssima Trindade, após 161 anos de descaso público.

CULTURA

A festança do Divino

Festança religiosa realizada uma vez por ano afim de homenagear o Divino Espírito Santo, a Santíssima Trindade e as Três Pessoas, padroeira do lugar.

É uma grande festa, dividida em duas partes: a preparação, caracterizada por reza, folia, levantamento do mastro e alvorada dançante; a segunda, os rituais, que são reza solene (missa), sorteio dos novos festeiros e os banquetes do dia (almoço e jantar).

A banda acompanha toda peregrinação. A festa gira em torno de duas bandeiras: a pobre e a rica. A bandeira pobre é levada pelo Alferes da Bandeira, e somente ela pode cruzar todo o município, zona rural e urbana. Quando chega na moradia, a bandeira pobre é recebida com festa e alegria. Comida, bebida e pouso são oferecidos aos que acompanham a marcha, e ganham oferendas para a festa. A bandeira rica é levada pelo Capitão do Mastro, e apenas pode desfilar na zona urbana, porém ela só entra na residência se for chamada, pois é necessário dar algum tipo de prenda em troca de receber a bandeira em sua casa.

Quando as bandeiras se encontram, são unidas e levadas pelo cortejo até a igreja Matriz, onde são hasteadas ao som de cânticos e rezas.

A intenção é proteger todo o Vale, permitindo que o fluxo da vida prossiga nas graças do Santo.

A Dança do Chorado

A exuberante e sensual Dança do Chorado é, hoje, objeto de admiração e rito cultural. Sua origem, no entanto, não é nada especial assim: a Dança do Chorado teve início numa mágoa profunda e dolorida. Ao verem seus entes queridos castigados por feitores, as escravas usavam a dança para atrair a atenção deles e amenizar a pena de seus queridos. Daí o nome Chorado, do choro dos que apanhavam e das escravas que viam.

A marca do Chorado é a sedução. Vestidos coloridos, passos compassados, ritmo constante, piscadelas insinuantes e um olhar de desafio constante. As mulheres encaram, deixando o observador numa sensação de inferioridade e submissão. No meio da dança, sacam uma garrafa de Canjinjin e colocam sobre a cabeça, sem perder o ritmo e o gingado. O equilíbrio que mostram as deixam ainda mais surpreendentes e exuberantes.

A Dança do Congo

A Dança do Congo é, na verdade, um jogo, uma peça de teatro a céu aberto, nas ruas da cidade, com um elenco repleto de personagens de vestes coloridas e devidamente armados com espadas de brinquedo.

O enredo gira em torno de dois personagens: o rei do Congo, acompanhado de seu filho Canjinjin e de seu secretário de guerra; e o rei de Bamba, representado pelo seu embaixador e seu exército, formado por 12 pares de guerreiros.

Se iniciam então as encenações de uma guerra, de 3 homens contra 25. E é ganha pelo Rei do Congo, que com palavras, expressões e magia africana derrota todos os inimigos. E ajuda a alimentar e manter viva a cultura de seus antepassados para seus antecessores.

A Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade é hoje um dos ritos mais belos de Mato Grosso. Memórias de um passado que não pode ser esquecido, ela estende suas teias por lembranças longínquas, resgata lutas de antepassados, reconsidera o papel dos santos católicos e, mais importante, celebra a identidade de um povo que soube interferir em seu próprio destino.



Fig. 01. Plano de Villa Bela da Santíssima Trindade, de Festa de Vila Bela da santíssima Trindade, pg. 25

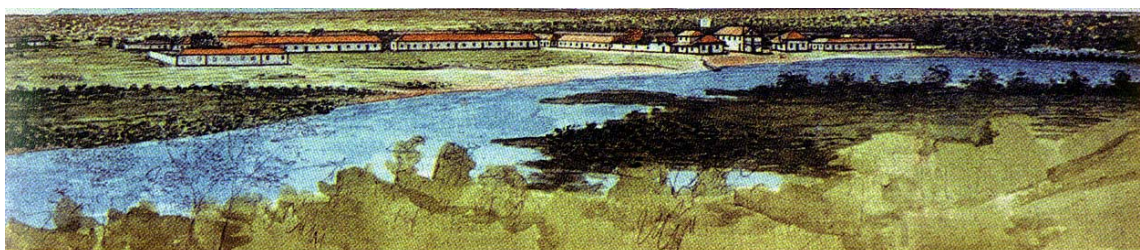


Fig. 02. Prospecto da povoação de Villa Bela, de Festa de Vila Bela da santíssima Trindade, pg. 31



Fig. 03 – Traçado urbano atuais. Foto aérea, de Festaça de Vila Bela da santíssima Trindade, pg. 18



Fig. 04 – Casas atuais e Festa do Divino, de Festa de Vila Bela da santíssima Trindade, pg. 53



Fig. 05 – Ruínas cobertas, de Festa de Vila Bela da santíssima Trindade, pg. 31

BIBLIOGRAFIA:

VILELA, Mário. **Festa de Vila bela da Santíssima Trindade**. Cuiabá: Secretaria do Estado de Comunicação social, 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2001